

Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Exmas. Senhoras e Senhores Deputados

Exmas. Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Exmas. Senhoras e Senhores Vereadores

Autoridades Cíveis e Militares aqui presentes

Aos extraordinários artistas que nos surpreenderam esta manhã, o Bruno e o Lázaro Pereira e os coralistas do Orfeão de Vila Praia de Âncora, bem como às corporações de bombeiros de Caminha e Vila Praia de Âncora e à Banda Musical Lanhelense,

Senhora e Senhor Jornalista

Distintos Convidados

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Pode ser das fotografias a preto e branco, pode ser das senhas datadas que chegaram por via radiofónica, pode ser a imagem de fardas, tanques e bigodes fartos que criam a ideia de que a liberdade de hoje é uma liberdade de sempre. Talvez seja o peso do tempo, sempre apressado para nenhures, que insinua a sensação de uma revolução antiga pintada a cravos. Talvez seja a nossa memória já desgastada, pouco elástica, pouco viva, que não permite sublinhar o que de extraordinário de viveu há 45 anos atrás.

Talvez seja tudo isso e um pouco mais, aquilo que perdemos em esperança, aquilo que perdemos em utopia. Talvez. Mas “as portas que abril abriu”

nunca mais se fecharão, o grito que abril gritou nunca mais se calará, o tempo que abril fechou nunca mais regressará. Não pode regressar!

Há 45 anos, a madrugada de Lisboa agitou-se com a revolução que vinha mudar. Um regime atrasado, medíocre e ridículo caía, ajoelhado, face à realidade de um Povo farto de ser perseguido e espezinhado. Há 45 anos atrás deixamos para trás um país entregue à guerra e à fome, um país isolado e de emigração, um país onde pensar dava cadeia, falar dava tortura e ter coragem dava morte. Um país de chumbo, denso e sem horizontes.

A revolução não foi só daqueles capitães que tomaram o país, não foi só daquela gente livre que agarrou o destino nos quartéis, nas fábricas, no campo, nas redações da rádio, dos jornais e da televisão. Não foi só dos políticos que se chegaram á frente quando ainda não era claro o que ia acontecer. A revolução começou antes, na resistência, nas vozes livres da clandestinidade, dos que se bateram nos partidos, sobretudo no Partido Comunista mas não só, dos que se mobilizaram para as várias eleições viciadas, dos que rezaram pela paz, dos que falavam nas universidades, dos que estafavam no campo ou nas linhas de montagem, nos que morriam, patriotas, além mar. A revolução veio entrançada em milhares de homens e mulheres que nunca desistiram de ser livres e de ver o seu país livre, em milhares de histórias de coragem, de pequenos gestos, de grandes feitos que fizeram o ADN do Dia da Liberdade.

Mas a revolução também não terminou há 45 anos. A revolução continuou a fazer-se apesar dos contrarrevolucionários que ainda andam por aí, continuou no combate pela liberdade sindical, continuou na batalha contra

uma ditadura de partido único, continuou em cada conquista dos trabalhadores, na fundação de uma nova Constituição, na criação do Sistema Nacional de Saúde, no aprofundamento da Segurança Social, na expressão concreta dos valores de autonomia, expressão livre e democracia que tantos teimaram em evitar.

A revolução continua hoje. Na reposição de rendimentos que foram tirados às famílias, na defesa do serviço público de educação, saúde e solidariedade, na dignidade da pessoa humana, no combate à pobreza, na rejeição da violência de género e da discriminação racial.

A história já não passa tanto pelo Terreiro do Paço ou pelo Quartel do Carmo em Lisboa. A história veio daí, ao longo de 45 anos, para passar pelas nossas vidas. Passa pela Europa, onde se trava a maior batalha pelos direitos humanos desde o final da segunda guerra mundial, onde pululam movimentos racistas e xenófobos que são contra aos princípios basilares da nossa civilização, onde se erguem muros de ódio contra os que são diferentes, onde os egoísmos e os medos são mais fortes do que a esperança. Passa-se em Portugal, onde cresce o número dos que defendem um Salazar em cada esquina, sinal de imensa frustração e ignorância, onde as caixas de comentários se enchem de fel, mentiras e insultos, onde os casos de corrupção aumentam sem que pareça que possamos estancar o fenómeno de uma vez.

A revolução passa por nós, somos nós os chamados de agora – os capitães do agora!

Este é o nosso tempo, também aqui no nosso concelho. Esta interpelação, que pode parecer um desalento, é um grito de força para o futuro. Nada está conquistado, nada é para sempre sem que façamos nada. A luta pela liberdade passa por aqui e por agora. Passa por trabalharmos para apresentar contas equilibradas, mesmo tomando medidas difíceis e impopulares, porque mais importante que os políticos são as pessoas para quem trabalhamos. Passa por apoiar o movimento associativo, o trabalho das freguesias, passa por incentivar a Cultura e o Desporto, por trabalhar com as Instituições de Solidariedade Social, por garantir que toda a população tem direito a receber água potável todo o ano, por criar mecanismos que impeçam qualquer cidadão de sofrer de fome e frio, por fazer justiça com os mais idosos, aqueles que estão mais expostos ao abandono do interior e às dificuldades económicas. Passa por apostar na Educação, no futuro da nossa revolução, passa por investir, todos os anos, mais de 1 milhão de euros em transportes escolares gratuitos, em participação de refeições, em livros e fichas escolares gratuitas, em contratar funcionários para as nossas escolas, em combater o insucesso escolar, em valorizar o desporto escolar, as atividades de ocupação dos tempos livres e a valorização cultural dos nossos jovens e das nossas crianças. Passa por requalificar a Escola Secundária Sidónio Pais, por construir a nova Escola Básica do Vale do Âncora, por criar a nova sede da Academia de Música Fernandes Fão, por melhorar cada equipamento escolar do concelho num investimento global superior a 5 milhões de euros que queremos fazer nos próximos 3 anos. Investir da Educação, fortalecer a cidadania, criar condições para amanhã, a nossa revolucionária responsabilidade do presente.

A revolução está aí e a defesa da revolução também. Todos somos chamados a defender o legado de abril, a todo o momento, com toda a força, através da ação cívica e através do voto. Não nos iludamos quanto aos casos consumados, quanto aos assuntos arrumados da Democracia. Nem na Europa, nem no país, nem aqui, no nosso concelho de Caminha. Não precisamos de ir mais longe: ainda há 6 anos atrás, em Caminha não se cumpriam os direitos da oposição; ainda há 6 anos atrás, eram proibidas as vozes da divergência nestas sessões solenes, só falava quem mandava; ainda há umas semanas, em plena Assembleia Municipal, o Presidente da Câmara era criticado por exercer o seu direito constitucional de gozar licença de paternidade. Ainda agora. Volto, por isso, às esquinas e aos Salazares, para dizer que não faltam umas, nem outros, nas viragens que a vida e o nosso destino comum possam dar. Tudo, mesmo tudo, está em permanente conquista. Tudo, mesmo tudo, merece o constante alerta do nosso espírito livre, das nossas opções pessoais.

O país construiu o melhor Portugal que soube com os sonhos que fundaram abril. Erramos muito, todos e continuamos a errar, mas não houve maior erro do que aquele que durante mais de 40 anos nos enterrou na miséria e no silêncio. Saímos do Estado Novo marcados pela bufaria, pela delação, pelo medo e pela pobreza que teima em não sair de alguns cantos da nossa forma de ser. Estreamos a democracia em fulgor e fomo-nos desiludindo, na medida que nos afastávamos de todas as nossas ambições. Isto, sendo certo, só nos deve dar mais força para continuar. Continuar a ser autarcas, continuar a participar, continuar a trabalhar nas instituições, nas associações, nas comissões de festas, continuar a cantar, a escrever, a fotografar e a pintar, continuar a reclamar, a reivindicar, a exigir, continuar

a falar, continuar a ser cidadãos. É essa a herança de abril, a Liberdade, a intervenção, a esperança no dia de amanhã. Por nós, revolucionários de hoje, pelos nossos filhos e nossos netos, revolucionários de amanhã.

25 de Abril, sempre!